82.09
A848m
Ex 1
C 92569068

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

GRACILENE MARTINS BATISTA DE ASSIS

# MARIA MOURA: A METAMORFOSE DA SINHÁ EM GUERREIRA

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00114439
Data 13 / 01 / 2006
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 00114505
DATA 13 / 01 / 2006
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

Pontes e Lacerda-MT
2005

2005/2

BIBLIOTECA
UNEMAT
RG Nº
DATA
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

GRACILENE MARTINS BATISTA DE ASSIS

# MARIA MOURA: A METAMORFOSE DA SINHÁ EM GUERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.
Orientadora: Vanderluce Moreira Machado Oliveira

Pontes e Lacerda-MT
2005

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

PROFª. VANDERLUCE MOREIRA MACHADO OLIVEIRA
Orientadora

PROFº. Ms. ISAAC NEWTOM ALMEIDA RAMOS
Membro da banca

PROFª. KEILA ALVES DE SOUZA
Membro da banca

Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT, 19 de dezembro de 2005

Aos meus pais, irmãs, sobrinho, professores e amigos que colaboram para este sonho tornar possível.

**AGRADEÇO:**

A Deus por sempre nos iluminar e dar força nos momentos difíceis da vida, e por ter colocado na minha existência tantas pessoas que contribuíram para que este momento pudesse acontecer. A elas, o meu carinho e as minhas orações.

A meus pais: Maria das Graças, Sebastião, irmãs Edilene e Lucilene e ao sobrinho Guilherme pela compreensão.

A meus queridos amigos que muito contribuíram para materialização deste sonho: Rozemar e Rozineide Schuenck, Rosenir Carneiro, Alexandro Venâncio, Rodrigo Nogueira, Anderson Barbosa, Evaleize Lara, Edivania Queila, Edivania Santos, Aneli Moreira, Antoninho Marmo, Madalena de Souza, Fátima, Geni etc.

As funcionárias da Unemat: Gonçalina (Sula), Gilva Moreira, Ana Maria, Simone, Laine que contribuíram com meus estudos.

As minhas amigas de trabalho: Ruth, Maria Auxiliadora, Izaura, Nizia, Lusia, Ângela, Maria de Jesus que muitas vezes fizeram meu serviço para que eu pudesse estudar.

Aos demais funcionários da Escola 14 de Fevereiro que direta ou indiretamente contribuíram comigo com material didático e orientações Mislene, Edna, Conceição, Maria Frutuoso, Elizangela e os demais funcionários.

Aos meus professores: Kátia e Nilza que me oportunizaram e incentivaram nos primeiros textos cientifico, a madrinha Antônia Selma e Madalena Machado por incentivaram, a Renata e Helder por estarem sempre dispostos a ajudar, a Carmem, Lara e Milena pela alegria de viver, a Cleonice, Denise e Madalena Tarcetti por corrigirem o meu Tcc, ao padrinho Ricardo por ser amigo incondicional da turma e por muitas vezes ser compreensível com o meu jeito de ser, a Vanderluce que aceitou a árdua missão de ser minha orientadora, a esses, e aos demais docentes que não mencionei.

Sinceridade

Não é dizer tudo o que se pensa,

Mas crer em tudo o que se diz.

**TITO LÍVIO**

SUMÁRIO

RESUMO ..... 08

APRESENTAÇÃO ..... 09

*MEMORIAL DE MARIA MOURA*: A HISTÓRIA ..... 10

MARIA MOURA: A METAMORFOSE DA SINHÁ EM GUERREIRA ..... 12

CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 36

REFERÊNCIAS ..... 37

BIBLIOGRAFIAS ..... 38

## RESUMO

Neste trabalho, mostramos as transformações que a personagem Maria Moura sofre durante a narrativa de Memorial de Maria Moura (1992) de Rachel de Queiroz que são quatro: A menina/moça que transforma em uma mulher que sabe ser desejável; a sinhazinha que transfigura em uma guerreira e procura recurso para vencer os seus obstáculos. A donzela-guerreira que retorna a condição de mulher capaz de cometer qualquer loucura por causa de uma paixão, visto que pensa em passar-lhe o comando da Casa Forte. Na última metamorfose a personagem revela a sua principal característica a da mulher guerreira que renúncia sua paixão em nome do bem estar da comunidade. Maria Moura alcança seus objetivos pela astúcia, pelo discurso persuasivo, pelo corpo entre outras.

**PALAVRAS CHAVES:** sinhá, donzela, metamorfose, guerreira, vencedora.

# APRESENTAÇÃO

A literatura nos proporciona a possibilidade de conhecer mais profundamente o contexto histórico de um período do que mostrar a História propriamente dita, revelando as inquietações que o ser humano viveu, vive e viverá. E durante um curso de extensão que a Unemat promoveu sobre literatura contemporânea fizemos a leitura da obra *Memorial de Maria Moura (1992)* de Rachel de Queiroz, leitura esta que nos despertou interesse em analisar a narrativa que será objeto deste trabalho. Por meio de pesquisas sobre a narrativa estaremos discorrendo sobre as transformações pelas quais a protagonista passará e os meios que usará para alcançar os seus objetivos.

Nesse esboço tentaremos observar as formas pelas quais a personagem consegue atingir seus objetivos, as modificações que a mesma sofre no desenrolar da narrativa, o discurso persuasivo, o jogo de sedução e a forma dissimulada que utiliza para fins "duvidosos". Através de todos esses meios, a sinhazinha, Maria Moura, se transforma em uma mulher guerreira.

A análise gira em torno da personagem Maria Moura, que no início da história era uma sinhazinha e no desenrolar do percurso se transforma em uma mulher guerreira, que foi capaz de renunciar a seus dois grandes amores, a sítio do Limoeiro em troca da liberdade, uma vez que por ser menor de idade teria que viver sobre a tutela de seus primos Tonho e Irineu que são maiores de idade, isto é, sobre o domínio deles e Cirino que foi o único homem por quem apaixonou.

Este estudo nos mostrará como era a vida de uma mulher que vivia além de sua época, uma mulher ambiciosa, dominadora e sedutora, que para alcançar seus sonhos viveu a margem da sociedade. Em alguns momentos comportou e se sentiu como homem, para dominar os seus caboclos. Uma mulher provida de uma força transformadora capaz de vencer diversos obstáculos. Seduziu, sofreu, chorou, persuadiu, amou, perdeu, suspirou e acima de tudo, venceu.

## *MEMORIAL DE MARIA MOURA:* A HISTÓRIA

*Memorial de Maria Moura* (1992) da escritora brasileira Rachel de Queiroz é uma narrativa ágil que apresenta as muitas aventuras e sofrimento da personagem-protagonista Maria Moura e de seus seguidores, homens comuns do sertão que sem outra perspectiva de vida e em busca de melhoria de vida ajudam a personagem a consolidar o seu "reinado" no sertão.

O romance conta-nos a trajetória de Maria Moura que aos dezessete anos de idade encontra a sua mãe enforcada em um armador, ficando assim completamente órfã, uma vez que seu pai havia morrido quando ela era criança. Depois da morte de sua mãe a protagonista fica sob os cuidados de seu padrasto Luis Liberato. Ela por sua vez o seduz para tê-lo sob seu domínio, todavia o mesmo não se deixou dominar. Ele queria as escrituras das terras que ficaram de herança, o sítio Limoeiro, e as terras da Serra dos Padres. Liberato quer tomar tudo e caso a personagem não autorizasse, ele a mataria.

Maria Moura muito astuciosa foi mais rápida que seu padrasto, induziu um empregado do sítio, Jardilino, que era apaixonado por ela a assassinar o padrasto, posto que ele impedia o relacionamento do casal. Depois de ter matado Luis Liberato, Jardilino começa a pressioná-la para a realização do casamento. A protagonista procura auxílio de João Rufo um antigo empregado do Limoeiro para eliminá-lo, dizendo a ele que um homem havia batido na sua janela na noite anterior e ameaçou retornar na noite seguinte. João Rufo, à noite, fica de tocaia a espera do tal homem e quando Jardilino vai pular a janela do quarto de Maria Moura, ele atira e mata o rapaz com um tiro nas costas.

Quando ela pensa estar livre de problemas e julga que poderá viver sua vida tranqüilamente, seus primos Tonho e Irineu vêm reclamar sua parte na herança, isso porque o sítio Limoeiro, onde a personagem morava pertencia a seus avôs maternos. A partir desse momento, a vida de Maria Moura passa por transformações surpreendentes. De sinhá, aparentemente indefesa, torna-se líder de um bando de cangaceiros e começa a viver no mato, roubar e por fim constrói a sua fortaleza intitulada Casa Forte. Casa esta que fornece proteção aos fugitivos tanto da justiça quanto dos seus inimigos. Por ser dona dessa casa e por ser uma mulher de honra, ou seja, que cumpre com a sua palavra, Maria Moura conquista fama, respeito e tudo que almejava. Só não contava com a aparição de Cirino, filho de um rico fazendeiro da região seu Tibúrcio, que levara

o filho até a casa forte para ser protegido de seu inimigo. Cirino, no desenrolar da narrativa, fará com que ela viva um grande amor. Na análise a seguir veremos como se desenvolve o metamorfoseamento de Maria Moura da sinhá em guerreira.

## MARIA MOURA: A METAMORFOSE DA SINHÁ EM GUERREIRA

No romance a autora utiliza-se de um recuo no tempo para escrever a narrativa que se passa no século XIX. Conforme Tamaru (2004), a escritora Rachel de Queiroz inspirou-se em Elisabeth I, rainha da Inglaterra do período de 1558 a 1603, para compor a personagem Maria Moura. A descrição física de Elizabeth I assemelha-se às características da personagem; máscula, viril, magra, sendo psicologicamente forte, diplomática e persuasiva. A história se inicia in *media res*, ou seja, no meio da narrativa, rompendo assim com o estilo tradicional, que inicia descrevendo o ambiente, as características físicas e psicológicas da personagem central.

Em *Memorial de Maria Moura* a protagonista tem um ideal e luta por ele, não permite que a sociedade da época a "engula", e para alcançar seus ideais, utiliza-se de métodos escusos. Isso ocorre através de seu discurso persuasivo, impõe-se através da sedução e do seu corpo e consegue obter a vitória sobre os seus inimigos. Sofre uma metamorfose: começa como uma sinhazinha e se transforma numa mulher dominadora, poderosa e forte, enfim, uma guerreira. Em uma época em que a mulher brasileira não tinha voz ativa na sociedade, Maria Moura consegue conquistar o seu espaço em uma sociedade machista e sair gloriosa. A personagem não fica presa ao que lhe é imposto pela sociedade, ela é inquieta, latente e espirituosa. Então com base na metamorfose sofrida pela protagonista dizemos que a personagem título é esférica, pois segundo Foster:

> [a personagem esférica ou] redonda [...] não pode ser resumida numa única frase, [ou seja] não nos lembramos dela tão facilmente porque apresenta alternações, possui facetas como um ser humano. [...] Só as pessoas redondas podem atuar tragicamente por qualquer espaço de tempo e inspirar-nos qualquer sentimento[...] [a] personagem redonda [...] [é] capaz de surpreender de modo convincente. Possui [...] a vida dentro das páginas de um livro.
>
> (FOSTER: 1998; 68, 71/5)

Assim Maria Moura é uma personagem esférica, e durante a narrativa ela sofre modificações surpreendentes. No inicio aparenta ser uma menina ingênua e finaliza sendo uma guerreira. Passa por mutações, não fica na mesmice e está a cada momento surpreendendo-nos com seus modos e atitudes. Quando tentamos recordar a personagem

ficamos confusos, isso porque ela é como um ser em transformação, ora nós lembramos de algo da sua adolescência, ora nos recordamos de um outro momento (como líder de um bando de cangaceiros) entre outros. Maria Moura vive sorrateiramente dentro das páginas da narrativa e nos surpreende a cada momento.

O leitor situa-se no romance pelos títulos dos capítulos nomeados por cada personagem, Maria Moura, o padre José Maria, e os primos: Marialva, Tonho e Irineu os quais narram parcialmente a história. Sendo assim, o romance possui cinco vozes narrativas e pelo fato de ser contado em cinco vozes faz com que quando uma personagem finaliza a sua versão da história, a outra reitere de algum modo os episódios contados.

Os três primeiros nomes mencionados acima são os das personagens principais, visto que algumas delas começam a narrar a sua história de vida isoladamente, isto é, em ambientes completamente diferentes. Possuem uma relação distante, mas no final do romance fecham o círculo, o que significa que suas vidas se entrelaçam, no mesmo ambiente. Ressaltamos que a narrativa é finalizada pelas mesmas personagens que a iniciaram, ou seja, Maria Moura e Padre José Maria.

Maria Moura conta-nos através do *flash-back*, isto é, lembra-se do que aconteceu em sua vida passada. Sua reminiscência inicia no momento em que encontra o padre José Maria. Recorda-se do dia em que foi à igreja confessar revelando-lhe que planejara o assassinato de um homem com o qual ela praticara o pecado da carne e do "incesto", tendo em vista tratar-se do padrasto:

> Naquele dia, na igreja, eu mesma nunca entendi porque fui me confessar. Talvez só para tomar coragem. De certa forma, quem sabe, para botar Deus do meu lado. Era uma espécie de recurso desesperado, eu não sabia o que fazer de mim. Só o que sabia era que tinha de matar o Liberato. Falei com o padre no pecado da carne, mas o que eu temia mesmo não era o castigo do pecado... Eu tinha medo que Liberato me matasse, como matou Mãe. Primeiro tinha sido Mãe. Agora ia ser eu.
>
> (QUEIROZ: 1998; 13)

Constatamos no fragmento a audácia que a personagem possui ao tentar manipular Deus, pois vai à igreja e alega que não sabia o que estava fazendo naquele local. Segundo o cristianismo, Deus é o Criador do mundo. Assim, é o Senhor Onipotente, Onisciente e Onipresente. É o único que tem o poder de dar a vida, salvar e libertar as pessoas de seus males (doenças e problemas), bem como decidir a morte dos

seres vivos. Entendemos que o fato de dizer que não sabia o que foi fazer na igreja torna-se incoerente, pois acreditamos que a protagonista sabia o que queria, isso porque tenta convencer Deus que o assassinato que estava prestes a cometer não seria pecado, uma vez que estava agindo em legitima defesa, ou seja, se não matasse Liberato, ele a mataria. Nesse sentido, a personagem tenta colocar o Criador do seu lado para que Ele a inocentasse e dessa forma a auxiliasse, compactuando-se com o seu crime. Desse modo Maria Moura sentiria protegida e com a consciência tranqüila, isso porque tudo daria certo, manipulando o Senhor Onipotente teria a sua cumplicidade, o que de certa forma, a colocaria acima do bem e do mal.

Conforme dissemos a personagem regride mediante os fatos tristes e alegres que ocorreram durante a sua vida passada intercalando-os com os fatos presentes. Aos dezessete anos de idade, Maria Moura perde de uma forma violenta a sua mãe, que fora encontrada enforcada no próprio quarto, ficando assim completamente órfã, tendo em vista que seu pai morrera quando ela era criança.

Depois da morte de sua mãe, a personagem encena que está se sentindo sozinha, deprimida, chorosa e desamparada para chamar a atenção do seu padrasto Liberato, mas pretendia seduzi-lo para que ele não a matasse e para que descobrisse a documentação das propriedades; que pertenciam a família dela o sítio Limoeiro, que era parte da mesma e dois terços de seus primos Tonho, Irineu e Marialva, e a outra localizada na Serra dos Padres. Ambas, respectivamente, herança materna e paterna.Liberato para conseguir a documentação dos bens ensina lhe os prazeres da carne, isto é, inicia-a na vida sexual, mostra-lhe o desejo entre homem e mulher que proporciona a transformação da menina/moça numa mulher que sabe ser desejável. Entretanto a relação entre eles dura apenas seis meses, já que o padrasto começa a pressioná-la para assinar uma procuração, através da qual ela estaria transferindo o seu legado para o nome dele. Liberato insinua que caso recusasse a mataria do mesmo jeito que tinha feito com sua mãe.

No entanto, a personagem recusa-se a assinar o documento. Fica receosa com a maneira ameaçadora com que o padrasto a trata sugerindo que sua mãe, talvez não tivesse cometido o suicídio. Ele demonstra através de seu discurso que se ela continuasse negando a fazer tal ação, o mesmo que aconteceu com a mãe poderia ocorrer com a filha. Maria Moura começa a refletir sobre a situação perigosa na qual está vivendo e chega a conclusão que precisa eliminar Liberato e para isto precisaria de auxílio, mas quem poderia socorrê-la? Meditando sobre o assunto recorda-se de

Jardilino, que é empregado do sítio, e que poderia ser a peça principal para realização de seu projeto, ou seja, quem executaria o assassinato. Vejamos como ela faz para conquistá-lo e induzi-lo a praticar o crime.

> Jardilino me comia com os olhos, posso dizer. Eu sabia, sentia; naquela altura o Liberato já tinha me ensinado a lidar com homem. [...] Logo na primeira ocasião em que pude falar sozinho com ele – era de noite, nós dois sentados no parapeito baixo do alpendre, provoquei Jardilino a tomar algumas liberdades comigo. [...] Quando encontrou os meus olhos, ainda tímido, eu sorri para ele e deixei que me beijasse o braço. Só então me levantei, para não parecer fácil demais. [...] No dia seguinte... [...] Deixei que me abraçasse, me desse uns cheiros pelo pescoço e um beijo no rosto. Nesse ponto eu fugi, me desculpando:
> - Pode vir gente.
> Da terceira vez ele já me chegava mais atrevido [...] quando ele me foi enfiando as mãos pelos botões da blusa, eu lhe segurei o pulso e disse:
> - Agora não, que eu sou moça. Assim, só depois do casamento. [...]
> - E a sinhazinha tinha coragem de se casar comigo? Um pé-rapado feito eu?
> E ai eu expliquei, com muita simplicidade, que não era pessoa de orgulho. [...] Em mim, quem mandava era o coração.
> Eu comecei a chorar. Soluçando, fui dizendo que aquele homem me perseguia e a intenção dele era tomar tudo que era meu. Queria até me tirar a honra, me botar perdida. E eu morria de medo dele.
> - E olhe, Jardilino, o Liberato já está de olho em nós dois.
> (QUEIROZ: 1998; 24/6)

A protagonista sabe que Jardilino sente-se atraído e faz uso de seu encantamento para seduzi-lo, conhece as artimanhas da sedução, bem como o modo para agradar um homem e despertar nele desejos sexuais. Então a personagem aproxima-se sorrateiramente e como quem não quer nada começa demonstrar interesse pelo indivíduo. Para isso joga charme e permite que o mesmo beije seu braço, ou seja, dá-lhe liberdade para evidenciar o sentimento que nutre por ela. Depois Maria Moura sai correndo. Segundo a própria esta é uma maneira de não parecer fácil, sendo assim Jardilino ficaria mais apaixonado e a procuraria, pois não conseguirá realizar completamente o desejo de tê-la em seus braços. Desta forma podemos notar a astúcia de Maria Moura que se finge de inocente e de difícil, pois quanto mais difícil for o acesso ao objeto desejado maior é o interesse em possui-lo.

E assim aos poucos Jardilino corresponde às expectativas da personagem e tenta ser mais atrevido, ousado em suas carícias, mas ela continuar se fazendo de inocente e não aceita os carinhos. Alega ainda ser virgem e que só poderia receber carícias sensuais depois de casada. Em seguida ela faz uma cena entre choros e soluços para convencê-lo de sua ingenuidade dizendo que seu padrasto a persegue e quer tomar tudo que é dela e a mesma morre de medo dele. Com toda essa representação teatral Maria

Moura consegue deixa-lo encantado, louco de paixão e disposto a matar Liberato para livrá-la do perigo.

Quando Maria Moura seduz Jardilino a mesma age como uma serpente que vai, aos poucos aliciando sua vítima para conquistar o seu objetivo, e leva-o a fazer exatamente o que ela quer. Este comportamento atraente nos remete a uma passagem Bíblica que está no livro de Gênesis, que explica porque o Homem foi expulso do paraíso. Nele notamos que a "cobra" foi seduzindo Eva para que comesse o fruto proibido. A serpente diz a Eva que se provasse do fruto proibido a mesma teria a sabedoria e o conhecimento do Criador, isto é, estaria acima do bem e do mal e com esse argumento a serpente consegue fazer com que Eva caísse em tentação e comesse o fruto induzindo seu parceiro Adão a fazer o mesmo, visto que ambos tinham ganância e a ambição de possuírem o que não era seu. Comprovamos este fato com a citação a seguir:

> ...[1] A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Javé Deus havia feito. Ela disse para a mulher: ' É verdade que Deus disse que vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim?' [2]A mulher respondeu para a serpente: 'Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim. [3]Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Vocês não comerão dele, nem o tocarão, do contrário vocês vão morrer: ' [4]Então a serpente disse para a mulher: 'De modo nenhum vocês morrerão. [5]Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal.' [...] [6] a mulher [...]. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu.
>
> (GÊNESIS: 3, 1 a 6)

De acordo com a Bíblia compreendemos que desde os primórdios da humanidade o Homem é ambicioso, sedutor, enganador, invejoso e egoísta, que lança mão do que for preciso para conquistar seus objetivos.

Percebemos que a personagem faz uso da palavra e do próprio corpo para conquistar seus objetivos, pois são as únicas armas que a mesma dispõe, no momento, para solucionar seus conflitos. Em consonância com nossa afirmação Vilalva acrescenta:

> Em Maria Moura esses dois horizontes, palavra e corpo, organizam uma diretriz de conduta. A capacidade de dissimular está ancorada, necessariamente, na capacidade de organizar essas duas formas de exprimir. Palavra e corpo se fundem como espaço de significação de singularidade

> harmônica, silenciador do outro na medida em que oferece sempre o que esse outro espera.
>
> (VILALVA:2004;21)

Maria Moura usa da palavra, que é um dos meios mais poderosos de persuasão, pois através dela podemos argumentar e levar o indivíduo a fazer o que pretendemos sem ele perceber. E para reforçar o poder, começa a comunicar-se através do corpo que também pode ser um meio de expressão e persuasão, porém não usa seu corpo para a prostituição, mas como recurso para sobressair-se de uma situação arriscada. Usa a expressão corporal da seguinte forma: primeiro, vagarosamente, coloca a sua mão sobre a mão de Jardilino que a aperta e com olhar assustado a leva a boca, mordiscando dedo por dedo enquanto os olhos se encontram ainda muito tímidos. Ela o deixa beijar o braço, mas para não parecer fácil se afasta.

Maria Moura, disfarçadamente, ensina Jardilino os tramites do prazer corporal, isto é, ensina-lhe a beijar, mas, como já falamos a personagem usa o corpo para conseguir o que deseja, entretanto não se prostitui. De acordo com Gomes (2004) o corpo fala como um todo, sejam pelos pés, mãos, ombros, etc. Para cada movimento corporal há uma leitura que revela o real sentimento do indivíduo, independente de sua fala. Um olhar, por exemplo, pode indicar, admiração, tristeza, alegria. Na verdade, todo o corpo está carregado de significações. O que temos de concreto é uma forma de extravasar sentimentos e confirmar atitudes negligenciados por meio das palavras. Mas a comunicação pelo corpo só se dá, a partir do momento que exista, como na linguagem verbal, um emissor, um receptor e um entendimento da mensagem emitida, ou seja, Maria Moura seduz Jardilino porque ele também deseja ser conquistado.

Jardilino começa a pressioná-la para o casamento argumenta que se a união não fosse possível naquele momento, que tivessem relação sexual, enquanto esperavam pela celebração matrimonial. Ela por sua vez não tem a menor intenção de se casar. Então Maria Moura, completamente dissimulada, vai à procura de João Rufo, que é um empregado antigo da fazenda, e diz a ele que um homem bateu em sua janela na noite anterior ameaçando-a tentando entrar em seu quarto dizendo que voltaria no dia seguinte no mesmo horário. João Rufo escuta a história de Maria Moura e prontifica-se a ficar de tocaia e matar o homem assim que o mesmo tentasse entrar. A protagonista vai ao encontro de Jardilino e pede para visitá-la, à noite, em seu quarto. Quando Jardilino chega e bate na janela, João Rufo atira e o mata.

Ironicamente a arma que foi utilizada para assassinar Jardilino era do pai de Maria Moura que a havia adquirido com o propósito de proteger sua filha de homens atrevidos e que a personagem mantinha guardada em seu quarto. Esta arma deixada pelo pai é o símbolo de proteção, de apoio e de força, pois a mesma é usada para protegê-la de um homem que poderia prejudicá-la. Podemos dizer que esta arma significa a presença do pai morto que cuida de sua filha primogênita querida e que de certa forma, demonstra o carinho que sentia por ela. A recordação que Maria Moura possui do pai é norteada pela admiração, respeito, amor, pois vê seu pai como um grande homem.

Observamos que durante a narrativa, por diversas vezes, a protagonista refere-se ao pai usando as expressões *Pai dizia, Pai contava, Pai faria*. Ela o tem como um mestre, um ídolo, sendo assim segue os conselhos ou ensinamentos que lhe deu, e sente anseio por realizar o sonho do pai que era de tomar posse das terras localizada na Serra dos Padres.

Quando Maria Moura pensa estar livre para viver sua vida tranqüilamente surge outro obstáculo, seus primos Tonho e Irineu. O primeiro casado e o outro solteiro vão à casa dela para reclamar a sua parte na herança, isso porque o sítio do Limoeiro era pertencente aos seus avôs maternos e por este fator deveria ser dividido entre os primos, contudo havia um outro problema, a protagonista era menor e ainda do sexo feminino. Como já foi dito a história passa por volta de meados do século XIX e, neste período, no Brasil, assim como em toda a cultura ocidental, as mulheres não tinham voz ativa na sociedade e eram vistas simplesmente como seres reprodutores, confinadas ao exercício dos trabalhos domésticos. Não tinham o poder de fazer suas próprias escolhas. Então caberiam aos homens cuidar delas, já que eram frágeis. Sendo assim as mulheres não podiam tomar decisões importantes ou cuidar de suas próprias vidas. Segundo Barbosa:

> No próprio Código Civil, vigente na época [que] (esteve em vigor até 1916), havia um dispositivo legal, que dispunha serem as mulheres 'menores perpétuos sob a Lei'. (HANER, 1981:29). Mesmo dentro do espaço doméstico, subordinavam-se à vontade do homem. Era o pai quem decidia o casamento da filha e, na ausência dele, outro parente homem seria o responsável pela decisão. Ao casar, a mulher passava para o domínio do marido. Só a viuvez dava-lhe poderes sobre os filhos, as propriedades e os negócios da família, estando ainda sujeita as disposições testamentárias. No caso de outro matrimônio, perdia os direitos adquiridos, e o novo marido assumia a direção de tudo.
>
> (BARBOSA: 1999; 31)

O próprio código civil vigente naquele período mostrava que a mulher deveria ser um ser servil, sem opção, vazia e sem sentimentos. Quando criança, a moça pertenceria ao pai, depois pertenceria ao marido e era vista pela sociedade machista como um objeto de propriedade particular. Em momento algum seus sentimentos eram valorizados, ou melhor, sequer ouvidos. O homem era considerado ser superior, o que mandava em tudo. Baseado no código civil do período, Maria Moura estava fadada a morar na casa dos primos, uma vez que eles eram homens e maiores de idade. Assim, seriam seus tutores e tomariam conta da sua parte na herança. Provavelmente seria obrigada a casar com um dos primos, na época era normal a união entre parente, ou partir em busca das terras de seu avô paterno, no caso a Serra dos Padres. Então resolve ir a procura das terras que ficavam na Serra dos Padres, porém antes de sair decide aprontar uma emboscada para seus primos e fugir logo em seguida.

Com a escolha da última alternativa, a protagonista não deixa a casa que fora de seu pai para os primos morarem. Quando os soldados trouxeram a intimação para que comparecesse na delegacia, ela os enfrenta e os expulsa, fazendo-lhes um desafio que só sairia de sua propriedade à força e amarrada. Maria Moura para resolver seus problemas utiliza-se da astúcia. Usa a desonestidade e não hesita em amedrontar ou corromper as pessoas para conseguir o que almeja, isto é, usa todos que estão a sua volta como objetos.

Desta forma a vida de Maria Moura parece uma bola de neve, pois assim que soluciona um problema aparece outro. Com base em Barbosa podemos afirmar que os conflitos surgidos na narrativa um em seguida do outro; a morte do padrasto, a de Jardilino e a luta com os primos, desenvolveram a dialética eliminatória, ou seja, ela precisa passar por estas provas, e assim à medida que as for vencendo vai constituindo a personalidade da mulher guerreira, para ser forte, lutar pelos seus ideais (conquistar a Serra dos Padres), tomar decisões arriscadas, bem como pelo fato dela sempre ter que escolher entre ela e o outro.

A personagem usa da inteligência para passar a imagem de uma sinhazinha ingênua, mas resolve dar inicio a um plano arriscado para enfrentar seus primos. Que viriam vingar se dela os mesmos tomariam a casa e a levariam. A protagonista pede para João Rufo chamar Chico Anum e Eliseu para falar com ela, depois fala para ele trazerem seus filhos e sobrinho, Zé Soldado, Maninho e Alípio para ajudarem-na em uma empreitada. Vejamos como a personagem usa novamente de sua esperteza.

> - Tem um homem no mercado - aquele tal de João Calixto - que vende pólvora e chumbo. [...] ele fabrica de contrabando, porque é proibido. Só quem pode fabricar pólvora é o governo.
> E ai eu dei outra prova de minha inocência:
> - Pois eu pensava que pólvora se compra junto com as armas e vem tudo de país do estrangeiro...
>
> (QUEIROZ: 1998; 39)

Mais uma vez Maria Moura finge de inocente para conseguir informações sobre munição, porém a própria já sabia praticamente tudo em relação às armas de fogo, pois seu padrasto a ensinara antes de sua mãe morrer. Liberato queria que Maria Moura e sua mãe, enquanto ele estivesse em viagem, soubessem se defender de algum malfeitor. Ela novamente vale-se da premeditação para alcançar seus objetivos, no caso formar um bando que enfrentaria seus primos. Consegue formar esse grupo, porque a maioria é parente de seus funcionários e se sentem na obrigação de ajudá-la e também pelo fato de gostarem de brigar e por não terem nenhuma perspectiva de vida. Os capangas de Maria Moura são personagens planas, pois eles apenas a obedecem. Não têm opinião própria, isto é, alguém os comanda, bem como não sofrem nenhuma transformação no decorrer da narrativa. Em relação as personagens planas Forster afirma:

> As personagens planas [...]. Em sua forma mais pura são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade: [que] [...] pode ser expressa por uma só frase [...] [essas] personagens [...] [são] serem reconhecidas com facilidade sempre que aparecem: [...] [pois] Permanecem inalteráveis [...] pelo fato de não terem sido transformadas pelas circunstâncias, movendo-se através delas.
>
> (FORSTER: 1998; 66/7)

Os caboclos da protagonista são construídos a partir da idéia de obedecer a sua líder, cumprindo tudo o que ela planeja ou determina, sem jamais questioná-la o porquê, eles estavam fazendo tal ação. Como o tiroteio que eles enfrentaram com os primos da personagem, ou seja, são dependentes dela. Não tomam nenhuma decisão sem sua permissão e fazem exatamente o que ela quer. Eles permanecem inalterados e não sofrem nenhuma modificação, isto é, não saem da condição em que estão de subalternos aos mandos de Maria Moura.

Contudo não foram os delitos que Maria Moura cometera que fizeram-na entrar para o mundo do crime, mas sim a perseguição dos primos e justamente este fator que acelerou a sua maturidade, ou seja, ela adquire a personalidade da donzela-guerreira, uma vez que prepara uma cilada para seus perseguidores. Podemos constatar que o

processo de sedução e a briga pela herança servem como percursos de formação ou da construção de sua nova personalidade, já que aprende a lidar com o poder, com os homens, com a força e com a violência.

Como já mencionamos Maria Moura inicia a trajetória com dezessete anos de idade e aparenta ser inocente, entretanto seduz seu padrasto e quando ele representa perigo procura recurso para eliminá-lo, para isso alicia um empregado da fazenda a praticar tal crime alimentado pela falsa esperança de casamento e quando exige sua recompensa faz com que ele seja assassinado. Maria Moura dissimula estar sendo assediada, mas o ápice da sua transformação se dá quando arquiteta o tiroteio entre ela e seu grupo contra os primos. Neste momento, vemos a donzela guerreira nascer e ao cortar o cabelo está matando, provisoriamente, a sinhazinha.

O plano de Maria Moura é o seguinte: Juntar o seu bando para furar buracos na parede da casa, os quais serviriam para observar ao redor e colocar o cano da arma. Jogar no interior da casa a pólvora com o azeite e ficar no recinto a espera de seus primos. Quando eles chegam são recebidos à bala os primos assustados com a recepção da personagem reagem atirando.

Depois de algum tempo quando a munição acaba ela decide pôr fogo na pólvora o que inicia pequenos estalos. A personagem e seu grupo aproveitam os estalos e fogem. De repente o fogo toma conta e acontece a explosão da casa. Fogo este que *...simboliza a morte para o mundo materno, representado pela casa, e o renascimento para o mundo paterno. Essa sublimação se associa ao princípio antagônico estabelecido pelo masculino e feminino como apreensão da totalidade híbrida da heroína. (VILALVA: 2004; 34)*, ou seja, para ser uma guerreira precisa abdicar-se de seu lado feminino, para que isto ocorra é necessário que aconteça a transfiguração masculina.

No decorrer da narrativa, o duelo entre o feminino e o masculino na vida da personagem liberta-a dos perigos que a cercam. Ela usa seus atributos femininos para seduzir Liberato e Jardilino. Já os crimes que planejara, a luta com seus primos, a fuga, a formação do bando de cangaceiros, a trajetória que realizara até conquistar seu objetivo é o seu lado masculino que vem a tona. Porém esta peleja entre os dois sexos fica mais latente quando Maria Moura apaixona-se por Cirino. Sentimento esse que a deixa dividida entre a razão e a emoção, tendo que optar por um deles, entretanto tal opção a fará sofrer, uma vez que Cirino traz consigo amor e morte.

De acordo com a perspectiva de Tamaru (2004), podemos dizer que a vida de Maria Moura se assemelha com a de Elizabeth I rainha da Inglaterra. A protagonista travestida de homem lidera um bando de cangaceiros. Já a rainha herda uma nação com meios materiais extremamente reduzidos e uma frota pouco numerosa e consegue com sua capacidade diplomática e persuasiva, deixar seu país próspero, temido e a caminho de tornar-se uma potência. A personagem com um bando reduzido e poucas armas vai a luta em busca das terras da Serra dos Padres e pretende não só tomar posse das terras como construir a Casa Forte que seria seu refúgio e do seu bando. Conquista também a credibilidade e o respeito das pessoas da região. Elizabeth I quando tinha apenas dois anos e oito meses vivencia o trágico acontecimento da morte da mãe, que é decapitada pelo próprio pai.

A protagonista aos dezessete anos encontra a própria mãe estrangulada na beira da cama, assassinada pelo padrasto. A rainha aos quinze anos fica órfã de pai, tendo de cuidar de si mesma para não sucumbir às brincadeiras de seu padrasto, que se casou com sua madrasta, após a morte da esposa. Ele almeja casar-se com a enteada para tomar conta do reino. Maria Moura tem relações incestuosas com o seu padrasto, que queria tomar posse do sítio Limoeiro. O plano do padrasto de Elizabeth I não dá certo, isso porque ela descobre o seu objetivo e manda decapitá-lo. A personagem também manda matar seu padrasto, ambas tinham aversão ao casamento. A rainha se apaixona pelo conde de Leicester, mas com a sua morte, apaixona-se pelo enteado o conde Essex para quem transfere toda sua paixão, todavia quando ele a ridiculariza e faz pouco dela é julgado traidor e decapitado. Maria Moura se apaixona por Cirino, contudo ele a trai, ela o julga culpado e manda matá-lo.

Reportando-nos a análise, Maria Moura mesmo sofrendo foge e deixa para trás somente as cinzas do que um dia fora muito importante em sua vida. Cinzas estas que ela mesma causara e demonstra assim possuir uma personalidade muito forte e um comportamento decidido de uma mulher guerreira. Depois da fuga do bando a personagem é bem persuasiva em seu discurso ao deixar claro quem manda no grupo. No fragmento abaixo veremos como Maria Moura faz uma atuação brilhante para convencer os homens a segui-la.

> - Vocês estão vendo a situação. Eu hoje estou só no mundo - tirando vocês, meus caboclos. Taquei fogo no que era meu, a casa virou cinza; a terra do sítio aqueles excomungados vão tomar conta dela. [...]
> Esperei alguém falar e eles ficaram calados, olhando para mim. Continuei:

> - De nosso, temos estas armas velhas, o corpo e a vida - nada mais. [...]
> - Não nego a vocês que tenho um plano na cabeça. Na cabeça e no coração, posso dizer. É uma idéia muito velha que trago comigo desde os tempos do finado meu avô. [...]
> - João, os outros eu não sei; mas você não se lembra do Avô e do Pai falarem nas terras da Serra dos Padres, que são nossas de direito, desde quando ainda andava índio por lá?
> João Rufo concordou que se lembrava muito bem, tal e qual Sinhazinha dizia.
> - É tudo nosso - quero dizer, meu, herança do Avô e de Pai. Muita terra, boa de criação, de planta, de tudo. Madeira, então. Cada cedro que dois homens de mãos dadas não abarcam. E diz o povo mais antigo que lá tem botija de ouro enterrada pelos padres, faz quase cem anos. Isso eu não sei de certeza, mas dizem.
>
> (QUEIROZ: 1998; 82)

Quando fala para os componentes do bando, atua fazendo-se de coitadinha que estava só no mundo, desamparada, sem nada, sem ninguém que o único bem que tinha havia colocado fogo, e o que restou os primos tomariam conta e estava sozinha com eles. Quando a protagonista percebe que os homens estão comovidos, joga sua proposta, que é ir em busca da Serra dos Padres. Notamos que durante o seu discurso usa o pronome possessivo "meu", que segundo *(VIANA: 1997; 24)* numa perspectiva gramaticista - *referem-se a um nome, indicando o que a ele pertence.* O plano é dela, os caboclos são dela, as terras também, tudo a pertence e eles fariam parte do grupo se a obedecessem e conquistassem riquezas para a mesma. E para demonstrar que a sinhazinha que eles conheceram, até então, havia morrido, a protagonista corta os longos cabelos (como já estava usando roupa masculina calça, cinturão, chapéu, bota e um papo de ema amarrado na cintura. Estas vestimentas, no período em que a narrativa se passa, era restrita aos homens) e nasce a mulher guerreira líder daqueles homens.

No ato de cortar os cabelos acontece o metamorfoseamento da personagem, isto é, morre a sinhazinha e nasce Maria Moura a líder do bando, a quem eles obedeceriam fielmente dando a própria vida. Na palavra de Hutcheon estas transformações que a personagem sofre na narrativa é característica de um ser ex-cêntrica. Observamos o que a estudiosa afirma:

> Ser ex-centrico, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente, [...] uma perspectiva que está 'sempre alterando seu foco' porque não possui força centralizadora. Essa mesma mudança de perspectiva, essa mesma preocupação pelo respeito à diferença podem-se encontrar no e dentro do atual discurso teórico pós-moderno.
>
> (HUTCHEON: 1991; 96)

Maria Moura é uma personagem que vive a margem da sociedade de sua época, pois foge totalmente aos padrões que eram impostos às mulheres. Ao mesmo tempo em que está fora da sociedade está dentro da sociedade que a mesma construiu e se tornou líder, e por ter credibilidade de viver esse paradoxo dentro/fora a mesma tem uma perspectiva diferente. Isto a faz e a torna diferente, um ser ex-cêntrico e essa afirmação da identidade por meio da diferença e da especificidade é uma constante no pensamento pós-moderno.

Vejamos o momento da transfiguração da sinhazinha em guerreira, ou melhor, dizendo da mulher em homem.

> Têm que se esquecer de que eu sou mulher – pra isso mesmo estou usando estas calças de homem.
> Bati no peito:
> - Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. [...]
> ... me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feito uma navalha – puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito numa trança grossa; encostei o lado cego da faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço.
> Dei um nó na trança aparada e entreguei a João Rufo, junto com a faca:
> - Guarde esse cabelo no alforje,
> Os homens olhavam espantados para os meus lindos cabelos. Pareceu até que o Maninho tinha os olhos cheios de água.
>
> (QUEIROZ: 1998; 83/4).

Maria Moura quando está discursando para seus capangas, utiliza-se de gestos bem masculinos como falar gravemente, para convencê-los que não está de brincadeira. Ela muda seu vestuário que antes era vestido, blusa e saia, e passa a usar camisa, calça e cinturão masculino e para finalizar a sua nova fase, a personagem faz todo um ritual, pega uma faca muito afiada e coloca na altura do pescoço e começa a cortar mecha por mecha de seu longo e lindo cabelo que estava no comprimento da cintura. Depois deu um nó na ponta dos cabelos já cortados e entrega-os a João Rufo e pede que os guarde. Quiçá como um marco do dia em que deixa uma parte de sua vida para trás, isto é, seu lado feminino e nasce o masculino. Este gesto de Maria Moura faz com que um de seus homens se emocione com tanta demonstração de força, determinação e coragem, bem como pelo fato de ter presenciado o nascimento de uma guerreira.

Maria Moura depois de ter ateado fogo na casa do Limoeiro torna-se procurada pela polícia, visto que desacatou as autoridades que foram levar a intimação para que ela comparecesse à delegacia, para resolverem a questão da divisão da herança deixada pelos avôs maternos na presença dos primos, bem como o tiroteio que houve entre ela e

seu grupo com seus parentes. O meio que ela procura para manter-se e fazer fortuna é praticando roubos e preferindo assim viver à margem da sociedade para conquistar seus ideais.

Os cangaceiros, quando vão assaltar as pessoas, colocam um lenço tampando a boca. Este serve para que não sejam reconhecidos pelas vítimas. Maria Moura antes, durante ou depois dos assaltos sempre frisa o mesmo conselho que não é para seus homens usarem da violência e nem abusarem ou maltratarem as pessoas, para que não tivessem muitos inimigos. Com isto sua fama correu não somente pelos roubos, mas também por sua autoridade e "bondade", ao poupar os vizinhos e conhecidos. As pessoas a temiam e respeitavam. Temiam por ela ser líder de um grupo fortemente armado e a respeitavam, porque, de certa forma, ela igualmente os respeitavam. Quando roubava, não levava tudo que a vítima possuía. Era tudo tão contraditório que as pessoas praticamente agradeciam por terem sido roubadas. Nas palavras de Hutcheon (1947) a contradição é uma característica típica da teoria pós-moderna.

E quando retornavam do assalto a mercadoria furtada ia primeiramente para a personagem ver e em seguida a própria escolhia a melhor parte para si e o restante distribuía entre a "rapaziada". Todos os roubos do grupo aconteciam desta forma, Maria Moura planejava, eles executavam e ela fazia a partilha. A distribuição do roubo não era bem uma partilha, visto que a mesma era quem escolhia o que queria e depois dava o resto para os homens dividirem entre eles. A personagem fica com a melhor parte dos roubos, porque o plano era sempre dela, a mentora de tudo é ela, só ela demonstra astúcia e argumento para que as coisas aconteçam: a recepção oferecida aos primos, os assaltos, e a conquista de seu legado paterno. E o que a diverge do restante do bando é a esperteza e a capacidade de saber usá-la, o anseio pelo poder, a ambição pela riqueza, o egoísmo, visto que tudo é dela. A relação entre ela e os "cabras" é de patroa e empregados. Podemos dizer também que Maria Moura é a cabeça (parte pensante) e os caboclos o corpo (parte trabalho/força) do grupo. E o que os convergem são o sabor pela aventura, o sonho de viver na terra prometida, o amor pela terra e pelo o sertão, o respeito, a credibilidade e a vida marginalizada isto porque são negociantes desonestos.

Depois de um longo período de roubos, eles finalmente vão conhecer a Serra dos Padres onde está a herança paterna. Chegando à terra depara com uma mulher e seu filho (Jovelina e Pagão), que moram nesta. Para eles conhecerem o território e delimitar

o local onde será construída a casa da personagem, eles abrigam-se ao redor da casa de Jovelina, uma vez que a casa é tão pequena que mal cabe seus donos.

Podemos perceber o apego que Maria Moura tem à terra, ao poder, à riqueza e é em nome desse poder que ela mata, rouba, humilha, assim como faz a personagem Paulo Honório, do romance "São Bernardo" de Graciliano Ramos, que utiliza os mesmos métodos escusos de Maria Moura. Eles são divergentes em alguns aspectos: Paulo Honório foi preso, humilha e maltrata as pessoas que estão a sua volta, rouba todos os bens de suas vítimas, deixa-as na miséria, não valoriza e nem demonstra algum sentimento pela sua esposa ou até mesmo pelo seu filho e é ciumento.

Entretanto, Maria Moura nunca foi presa, trata bem os indivíduos, rouba somente parte da fortuna de suas vítimas, não casou, não tem filho, não é ciumenta e demonstra o sentimento que tem pelo seu namorado (Cirino). Paulo Honório no final da narrativa reflete sobre as atitudes que adotou durante a sua vida e arrepende-se do que fez, e se porventura tivesse outra oportunidade faria tudo ao contrário. Já a protagonista arrependia-se de ter agido de maneira tão primária, e se tivesse outra oportunidade seria mais ardilosa, astuciosa, audaciosa e aprimoraria seus métodos de conquista e persuasão.

Retornando a análise, um antigo morador da Serra dos Padres foi ao encontro de Maria Moura para saber se a mesma possuía a escritura da propriedade, na qual constariam os limites de sua propriedade, uma vez que ele morava naquele local há mais de cinqüenta anos e por lei teria o direito de ser integrado como dono. A personagem, porém conseguiu através de seu discurso persuasivo ludibriá-lo fazendo com que ele ficasse ao seu lado, sem precisar mostrar a documentação. Comprovamos este fato com na citação a seguir:

> - Quando vocemecê puder, traga a sua escritura para se fazer à medição. Aí a gente reparte: abre os piques, enterra os marcos de pedra as duas testemunhas, e cada um fica no que é seu.
> - Vocemecê comprou a parte de quem?
> - Eu não comprei não, Senhora Dona. Eu ocupo o terreno lá em cima já faz pra mais de cinqüenta anos. Já inteirou o prazo para a posse, eu acho.
> (QUEIROZ: 1998; 240)

O senhor Luca durante a conversa com Maria Moura pede a ela para que traga a escritura da terra da Serra dos Padres, assim ambos repartiriam a terra e cada um ficaria com a sua parte. Ele alega não ter a escritura de sua parte, mas que já era dono por

tempo de estadia na terra, ele iria fazer valer o usucapião, que é a lei que dá posse do bem ao indivíduo depois de ter cuidado do lugar por mais de cinco anos. Vejamos qual a resposta de Maria Moura ao seu Luca, bem como a sua proposta.

> - Mestre Luca, eu vou ver as minhas escrituras. Mas queria fazer logo um acordo com o senhor. Como a minha terra é grande – é muita terra mesmo! – a sua extrema comigo ia ficar muito longe; com certeza o senhor ia ter que deslocar o seu barraco e o seu roçado para as extremas novas, lá pros confins. Por que não fica aqui mesmo, como meu morador? [...] – Sem obrigação nenhuma! ...
> - O senhor vive sozinho nesta Serra, Mestre. Qualquer dia, pode acontecer, fica mais trôpego, uma onça lhe pega,... [...]
> - Sempre que lhe der na veneta e não tiver nada em casa, desce até aqui, e vai encontrar sempre o seu prato de feijão, a sua tigela de coalhada lhe esperando.
> - Isso é bom. E as vezes me faz muita falta.
>
> (QUEIROZ: 1998; 243)

A personagem tenta convencer o seu Luca que vai buscar as escrituras, todavia eles poderiam fazer um acordo, uma vez que a terra dela era muito extensa e ele seria obrigado a mudar para bem longe. Então ela sugere que aceite a sua sugestão e continue morando no mesmo lugar como seu caseiro e sempre que ele quisesse poderia ir até a casa de Maria Moura para prosear e comer algo (como feijão e coalhada). Com este discurso ela não só convence que a terra é dela, bem como tê-lo como mestre de obra na construção da Casa forte.

Juntamente com o auxílio de seu Luca e seus cabras Maria Moura começava planejar a construção da Casa Forte. Casa esta que seria o seu quartel (cartel), porque teria uma segurança específica. Os homens montariam guarda dentro e fora da casa e Maria Moura seria o coronel, isso porque decidiria as sentenças, as punições, elaboraria suas próprias leis e quem não as cumprissem seria fortemente castigado. Com o término da construção da Casa Forte que fica conhecida por ser uma fortaleza onde a polícia e as quadrilhas não conseguiam encontrar seus fugitivos, ou seja, quem era protegido de Maria Moura nunca seria pego em seu quartel. Em consonância ao estudo de Bauman a Casa forte seria como uma *...bolha de osmose firmemente controlada; só coisas tais como as que o ocupante da bolha aceita podem verter para dentro [...] como as que ele ou ela permitem sair podem vazar. (BAUMAN: 1998; 114)* Podemos comparar a Casa Forte com a bolha de osmose, que o turista tem como lar, que é firmemente controlada, só entra na casa ou sai dela quem o dono permite, isso porque dentro da mesma ele é o

dono, manda e se sente seguro é como se fosse uma fortaleza, assim é a Casa Forte só é permitido ter acesso pessoas de extrema confiança de Maria Moura.

Em face do exposto e mais a fama da protagonista de ser uma mulher de palavra corria por toda região. A maioria das pessoas que viviam na Casa Forte eram procuradas pela justiça ou haviam cometido algum delito grave ou eram marginalizados como: o ex-padre José Maria.Ele pediu asilo à protagonista por ter cometido um assassinato e estar sendo procurado pela polícia e pelos caçadores de recompensa. Para ele morar na Casa Forte teria que mudar sua identidade e a protagonista o transformara em Beato Romano, homem de Deus, acima de qualquer suspeita. Diferentemente do Padre José Maria, Marialva e sua família (seu marido Valentim e seu filho Alexandre), foram morar na casa de Maria Moura a convite da própria, uma vez que passavam por dificuldade financeira.

As personagens Marialva e Padre José Maria possuem os dois focos narrativos principais, uma vez que elas são encarregados de contar ao leitor trechos da história que fazem parte do *Memorial de Maria Moura.* Como já foi referido, elas possuíam pouco relacionamento com os acontecimentos ligados à vida da protagonista, posto que trilhavam caminhos diferentes até passarem a viver comunitariamente na Casa Forte. Ao contar suas histórias, cada um fala, de acordo com o seu ponto de vista, sobre os acontecimentos que ocorreram em suas vidas. Por este motivo e embasado em Silva dizemos que o narrador é homodiegético. Conferimos as palavras do estudioso na citação a seguir:

> O narrador homodiegético reveste formas diversas. Pode este narrador constituir a personagem central do romance [...]. pode [...] ser uma personagem secundária, [...] ou ser apenas um observador que conhece pessoalmente e analisa as personagens e que com algumas delas pode ter relações de convivência, falar, etc., sem que, todavia, venha influenciar, de qualquer modo, o curso dos acontecimentos narrados.
>
> (SILVA: 1974; 27/8)

Com base no fragmento vemos que em *Memorial de Maria Moura* há uma multiplicidade de vozes, contudo a história é narrada em primeira pessoa e esse "eu" pode assumir características variadas, sendo ora a personagem central (Maria Moura) o foco narrativo, ou seja, quem faz a narração do que aconteceu em sua vida e ora as

personagens secundárias (Marialva/Padre José Maria) sendo individualmente o foco narrativo, isto é, cada um conta isoladamente a sua história de vida.

Segundo Barbosa (1999), depois da concretização da Casa Forte, surge a possibilidade de Maria Moura encontrar alguém que a ajude na administração de sua fazenda e que poderia dividir a cama também, é quando seu primo Duarte aparece à procura de emprego. A mesma aceita tê-lo como seu braço direito e namorado escondido. Entretanto não almejava casar-se com ele, visto que era um caboclo, isto é, filho de branco com negro. Duarte era filho ilegítimo de seu tio Alexandre com uma escrava da casa dele. Por essa atitude Maria Moura demonstra que é preconceituosa em relação ao seu primo, bem como em relação aos demais homens que nasceram da miscigenação que também é uma característica do povo brasileiro, tendo em vista, que o Brasil é um país que surgiu da mistura das etnias. Observamos o que a protagonista pensa em relação a casar-se com Duarte, [...] *nunca ninguém pensou que eu chegasse a casar com Duarte. Acho que nem ele pensaria. Afinal, era filho de escrava alforriada e a gente não se casa com filho de cativo, mesmo que tenha do nosso sangue nas veias. (QUEIROZ:1998; 324)*

A protagonista utiliza-se da convenção social, ou melhor, do preconceito que a sociedade legitima como certo para não se casar ou assumir o seu namoro com Duarte. Conforme Vilalva (2005), para consolidar-se enquanto donzela guerreira Maria Moura não poderia casar-se, pois este ato representaria a reintegração dela com a sociedade. O casamento atrapalharia seus planos, seu espírito independente, dominador e ela jamais se submeteria às ordens de um homem. Enquanto a maioria das moças almejava uma união matrimonial, isso porque quem não conseguia casar-se não era bem vista na sociedade e ... *inculcavam na vida feminina a noção da valorização da vida matrimonial e, ao mesmo tempo, imprimiam-lhe uma profunda angústia, caso ela não viesse a contrair casamento antes dos 25 anos de idade. (FALCI: 2000; 256)* Maria Moura jamais pensou nesta hipótese, principalmente por que [...] *eu tinha horror ao casamento. Um homem mandando em mim, imagine; logo eu, acostumada desde anos a mandar em qualquer homem que me chegasse perto. (QUEIROZ: 1998; 324)* Maria Moura não pensava em casamento pelo fato de lembrar se da união da mãe com Liberato, posto que o casal não tinha um relacionamento harmonioso, bem como não aceitava a hipótese de ter alguém mandando nela, porque desde jovem já mandava em todos que estavam a sua volta.

De acordo com Tamaru (2004), o envolvimento de Maria Moura com Duarte, assemelha-se ao amor da rainha Elizabeth I por Leicester, já que eles lhes prestam total obediência e agradecimento à proteção recebida, mantendo-se dentro das fronteiras do território dominado por elas. Os dois envolvimentos são favorecidos pela ocasião e pela complacência dos parceiros, o que os tornam subjugados e manipulados. Têm presença instrumental, sem envolvimentos por parte das mulheres, por quem eles trabalhavam e zelavam. Respeitavam-nas e sabiam prestar obediência as suas ordens. Elas jamais pensaram em oficializar tais relações, sequer permitir que viessem comprovadamente a público. Leicester não tinha poder para se alçar a rei; Duarte era filho de escrava alforriada, e isso "parece" ter pesado na avaliação de Maria Moura.

Com o reconhecimento da personagem e a fama da Casa Forte de proteger fugitivo, Maria Moura conhece Cirino, *homem que traz consigo paixão e morte (Barbosa: 1999)*. Ele por ter se metido numa confusão, conquistado uma moça prestes a casar-se, fora trazido pelo seu pai, um rico fazendeiro da região a Casa Forte. Assim que a personagem o vê, compreende que Cirino não era de boa índole, já que havia abandonado a moça com quem teve um caso a mercê de sua sorte.

Ela observa os atributos físicos de Cirino, jovem, alto, claro, bigode louro arruivado e isto a agrada muito, bem como pelo fato de ser parecido com o pai dela. Em pouco tempo, ele mostra seu poder de sedução, envolvendo-a com suas gentilezas e galanteios. A paixão se torna inevitável e tão forte que a enfraquece. O mesmo método que ela usou para seduzir Jardilino, Cirino utilizou para conquistá-la. Desse modo ele consegue que ela faça quase tudo que deseja. Observamos pelo prisma de Vilalva que a postura de Cirino se revela com um dado novo na relação entre Maria Moura e os homens que a cercam. Esse dado aciona a capacidade do outro ludibriar e seduzir. Arma anteriormente utilizada com perspicácia pela protagonista. Uma conduta nova que desloca Maria Moura da condição de agente e se propõe intencionalmente ao dano, isto é, suscita Maria Moura através da sedução, ao erro e ironicamente ela é vítima das mesmas armas que costumava usar.

Ao conhecer Cirino, o mundo de Maria Moura cai por terra, visto que a mesma nutre sentimentos jamais sentidos. Ela se entrega ao prazer, não apenas o sexual, mas algo mágico. Começa a sentir "amor" e se deixa seduzir por ele. De "caçadora" ela passa a "caça". A mulher guerreira, forte, dominadora dá lugar a uma mulher carente, apaixonada e confusa. Como veremos a seguir: [...] *eu procurava disfarçar de todo*

*mundo as fraquezas da Moura nova, fingindo a antiga dureza, a da Moura de antes. (QUEIROZ: 1998; 376).*

Nesta fase temos um novo metamorfoseamento da personagem que deixa de ser a guerreira e torna a ser a sinhazinha de antes. Conforme Vilalva

> O amor por Cirino funciona como o elemento a problematizar o possível retorno à condição de Sinhá. A presença de Cirino desencadeia uma situação que traz à tona a Maria perdida na fazenda do Limoeiro, bem diferente da Moura guerreira. È interessante observarmos que contraditoriamente, [ou não], é nesse momento que ocorre o maior conflito da narrativa. Não são as peripécias de guerreira, mas seu deslocamento, ao mundo da intimidade, explorado a partir da relação com Cirino.
>
> (VILALVA: 2004; 41).

Maria Moura, a mulher transvestida de homem, forte de liderança, imbatível, apaixona e começa a se sentir mulher, sentir necessidades femininas, vontade de ser amada, desejada, querida por um homem, que a veja em toda a sua magnificência, isto é, conheça a sua alma. E nesta consternação a personagem rende-se à paixão por Cirino, entrega-se aos apelos da carne e o ama de uma maneira violenta e desesperadora. Conforme veremos a seguir: *Eu chegava a pensar às vezes em entregar o que era meu a ele – a casa, a fazenda, os homens, o comando de tudo, ficar sendo só a mulher dele...(QUEIROZ: 1998; 394)* Segundo a protagonista, mesmo amando de um jeito obcecado sabia que ele não a amava e, se por ventura, o mesmo viesse a nutrir este sentimento, não seria por ela, mas pela Maria Moura transfigurada em homem, capaz de colocar medo em outros varões. E pelo fato dele não corresponder aos sentimentos dela, traiu-a de várias formas: a desonra pública e difamação. Uma vez que ele comentava nas "casas das raparigas" (casa de prostituição) que a mesma comia em sua mão e que quem mandava era ele. Durante essas conversas pelas "casas das raparigas" foi que começou a sua traição moral em relação à Maria Moura.

> Diz o Muxió que Seu Cirino deu uma risada e como já estava meio de fogo, falou que ninguém conhecia melhor do que ele a dona da Casa Forte... 'ela come aqui, na palma da minha mão...'
> E aí, [...] ele botou a mão no braço do Seu Cirino e disse muito satisfeito: ' E agora me cai do céu vocemecê, que tem a dona da Casa Forte comendo na palminha da sua mão!' Seu Cirino se riu também, e os dois saíram pra um canto e ficaram conversando baixinho, só os dois.
>
> (QUEIROZ: 1998; 415)

Cirino combina o seqüestro de um dos protegidos de Maria Moura, furtar algumas de suas armas e munição, pega o refugiado para entregar aos inimigos dele. Entretanto o seu plano não deu certo, pois não sabia que uma terceira pessoa teve acesso ao seu projeto e ao chegar ao local combinado é preso pelos soldados regionais e passa algum tempo na cadeia. A personagem, ao saber do acontecido, reúne seus homens de confiança e vai ao resgate de Cirino, não por causa de seu sentimento, mas para vingar pela desonra pública, em relação ao seu nome que fora difamado, denegrido e sua Casa Forte perderia o prestigio e não seria considerada mais segura.

Em seguida a libertação, a protagonista permite que seus homens humilhem-no a tal ponto, que conforme Maria Moura só lhe resta matá-lo, visto que a vida dele representaria a sua morte. A personagem, quando se apaixona por Cirino, o seu lado guerreira está "adormecido", e ela se deixa levar pela paixão é o seu lado sinhazinha que emerge novamente, vivendo assim intensamente sua paixão por Cirino, mas quando ele a trai, a Maria Moura guerreira reaparece, para proteger o seu bando. Caso contrário, Cirino acabaria com tudo, inclusive com ela. A guerreira retoma sua posição de líder de um bando, mata uma parte de si e vai a luta por novos horizontes. Segundo Hutcheon... *As mulheres devem criar e defender sua própria comunidade, com base nos seus próprios valores. (HUTCHEON: 1999; 91)*E foi essa a atitude de Maria Moura, deixou de lado sua vida sentimental, para defender o seu bando. Novamente a personagem tem que optar por ela ou outra pessoa que atrapalha seus ideais de mulher forte e que honra seus compromissos, mesmo sabendo que com a morte dele uma parte dela morreria também.

> Mas então, quando eu pensava que já estava calma e resolvida – ia castigar Cirino e pronto! – o coração me dava uma volta e começava tudo de novo. Afinal, como é que eu ia acabar com Cirino sem acabar também comigo? Como é que posso abrir a arca do peito e arrancar o coração pra fora? Ninguém pode fazer isso e continuar vivo.
>
> (QUEIROZ: 1998; 420)

No fragmento o momento contraditório que a protagonista está vivendo, pois esta dividida entre deixar viver o ser amado ou matá-lo, isso porque a paixão que Maria Moura sente não foi correspondida na mesma intensidade, uma vez que foi traída, isto faz com que renasça a natureza masculina. A mulher guerreira volta e deixa todo esse sentimento em algum lugar de sua existência. Na perspectiva de Hutcheon (1999) a natureza contraditória do pós-modernismo envolve alternativas múltiplas e provisórias

para conceitos unitários e tradicionais fixos com o total conhecimento da contínua atração desses mesmos conceitos, ou seja, o amor (vida) e o ódio (morte) são elementos antagônicos que o ser humano possui, isto é, no mesmo momento em que ama o sujeito o odeia. No caso, Maria Moura fará o que é melhor para ela e sua comunidade (bando), ou seja, eliminar a pessoa que causou este dano.

Pensando assim a personagem premedita o assassinato de seu namorado Cirino, mas como sempre alguém executaria o plano. Desta vez ela faz uso do discurso persuasivo para induzir Valentim (primo por parte de mãe) a praticar o crime, promete-lhe como recompensa pela morte de Cirino, que seu filho (Xandó) seria o único herdeiro dela, advertindo-o, porém que a recusa da proposta acarretaria no desamparo de sua família. Ao agir dessa maneira não deixa outra opção a Valentim a não ser aceitar a proposta.

Observaremos no fragmento a seguir o argumento que Maria Moura utilizou para seduzir o seu compadre a aceitar a proposta.

> - Você sabe quem é o meu herdeiro, compadre?
> Valentim levantou os olhos espantado:
> - Seu herdeiro? Como é que eu vou saber?
> ... meu herdeiro único, [...] ... é o seu filho Alexandre, meu afilhado.
> [ele]... é a única criatura do meu sangue que eu considero neste mundo. Por ser filho de Marialva [...]
> Quando Xandó nasceu combinei com Duarte fazer um testamento declarando Alexandre o meu herdeiro universal. Duarte já deve ter deixado a nota, no cartório da vila. Era a surpresa que eu queria fazer a vocês, assim que me chegasse a minuta do testamento para eu assinar.
> ... essa fortuna, meu compadre, [...] corre o risco de ir por água abaixo, por culpa desse homem. Escute: o final dele é acabar comigo. Com a minha fama de mulher de respeito, cumpridora da palavra dada - que é o meu maior capital. [...]
> ... vi naquele dia, quando você matou o cachorro doido; de um golpe só, sem luta, vindo de longe... E então pensei comigo: e se a gente soltar o Cirino, deixar ele ir embora. [...] E, quando ele já houver atravessado o portão, você, que está escondido na sombra da cerca, manda-lhe aquela mesma facada [...] Vi como a faca é comprida: vai fundo [...]
> - Mas aí foi pra salvar a vida de meu filho!
> - E agora pra que é? Pra salvar a herança do seu filho – sem falar que também está salvando a minha vida e a do Duarte. [...] estará também salvando a vida do próprio Xandó, pois, quando Cirino souber daquele testamento, tem que acabar também com a vida do menino, pra tirar ele do caminho.
>
> (QUEIROZ: 1998; 451/6)

Maria Moura faz um discurso bem elaborado para convencer Valentim a matar Cirino. Começa uma conversa sobre quem seria o herdeiro de toda a sua fortuna, no caso o filho dele, e que esta seria a surpresa que iria dar quando a minuta do testamento

chegasse. Usa esta argumentação para atiçar a ambição do compadre e assim fazer com que aceite a sua proposta. Porém Valentim não esperava ter que pagar um alto preço, isto é, matar um homem, para seu filho ser rico. Ele tenta recusar a oferta, contudo a personagem usa um argumento fortíssimo, se ele não matar Cirino, este acabaria com toda a riqueza que iria ser um dia do filho dele; sendo assim Valentim aceita assassinar Cirino, para proteger a herança de seu filho, a vida de sua chefe e de seu cunhado Duarte.

Novamente Maria Moura consegue induzir uma terceira pessoa a fazer seus desmandos e crimes. Recomenda para que não permita que a vítima saiba que foi ela quem mandou matá-lo. Valentim aceita a proposta e no dia e no local planejado por Maria Moura vai esperar Cirino para assassiná-lo, entretanto ele não consegue cumprir todas as exigências da personagem. Como veremos a seguir: – *Tive de gritar o nome dele, pra ele se virar de frente. O homem vinha muito de lado, tive medo de errar. (QUEIROZ: 1998;* 460) ele faz quase tudo como a personagem manda, entretanto não consegue esconder quem foi a mandante, pois precisou gritar para vítima virar de frente. Vejamos o que Maria Moura pensa a respeito do sucedido.

> Tanto esforço que eu tinha feito para ele não saber que ia ser morto naquela hora. A bem dizer, pela minha mão. Para isso inventei de usar o Valentim; mandar a faca pelas costas e ele cair, sem tempo de saber de nada. Aquele idiota do Valentim, que estragou tudo. [...] imagina a surpresa, o ódio, naquele coração. Ódio contra mim! Mesmo que fosse só um relâmpago, no instante em que a faca zunia, cortando o ar, e vinha lhe atravessar a arca do peito, até alcançar o coração.
>
> (QUEIROZ: 1998; 460)

O fato de Cirino ter percebido quem mandou matá-lo faz com que a personagem sofra desesperadamente, fique deprimida perca totalmente o equilíbrio. Segundo Tamaru (2004), a morte de Cirino contou com o imprevisto realizado pelo atirador de facas, não se conseguiu ocultar da vítima a mandante do crime. Valentim teve que chamá-lo para se virar de frente, pondo a fatalidade à vista. Não morrera apunhalado pelas costas, ignorante da sua vingança, como era do gosto de Maria Moura. Isso a derruba em febre, num estupor dormente, madorna, espécie de meia-morte, que a faz tentar se esquecer do mundo. Cirino leva uma facada certeira no coração, mas é Maria Moura quem sente o coração dilacerado, ferido, partido. Comprovamos este fato com a citação a seguir: [...] *um choro tão fundo e tão duro que me rasgava a carne do peito, lá*

*dentro. Mas eu entendia, no meio daquele desadoro, que eu [...] [tive] mesmo que matar Cirino. Entre nós dois não [...] [havia mais] solução. (QUEIROZ: 1998; 448).*

Barbosa (1999), expõe que a subjetividade foi sacrificada em função do heroísmo. O orgulho da protagonista e a ordem da comunidade foram abalados, o retorno à unidade, ao equilíbrio, somente seria possível com a morte do traidor. Só que ao morrer ele leva parte dela. Durante longos dias, ela vive um estado letárgico, uma meia morte, ao fim deste período, ela renascerá com redobrada coragem.

Podemos observar na narrativa que por duas vezes Maria Moura renasce. Uma vez depois da morte de sua mãe, quando seu padrasto a traz de volta à vida, a segunda vez depois da morte de Cirino, pois a vontade de retornar ao tempo de guerreira faz com que ela deseje viver de um modo mais aventureiro do que antes. Conforme veremos a seguir: *A conversa do Seu Francelino tinha, de certa forma, acordado a velha Maria Moura. Ou antes, uma Maria Moura nova, diferente de todas as Mouras passadas, capaz de se meter numa aventura louca, quem sabe sem retorno, quem sabe sem fim. (QUEIROZ: 1998; 473)* A personagem se sentindo revigorada decide ir para uma missão impossível o que demonstra sua audácia e força. Para isso arrisca sua própria vida. Sem medo de morrer, pois a morte seria a glória, pensando assim parte com seus cabras para assaltar uma comitiva, fortemente armada e preparada para se proteger.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise da obra *Memorial de Maria Moura (1992)* de Rachel de Queiroz, constatamos que a mulher quando foge dos conceitos ou padrões legitimados pela sociedade é forçada a tomar atitudes que fazem com que fiquem a margem da sociedade que ainda possui fortes tendências machistas.

Maria Moura é uma personagem que nos atrai a atenção por estar sempre em transformação sempre nos surpreendendo. Tem atitudes nada convencionais, é uma personagem que vive eternos paradoxos: inocente/sedutora, mulher/homem, amor/ódio, renúncia/vitória, vida/morte, fraca/dominadora, eu/ele. Estas contradições que a protagonista vive nos levam a compará-la com o ser humano. Alguns cheios de conflitos, que muitas vezes passa por "mutações", para conseguir alcançar suas metas tanto profissionais como pessoais, além disso, são marginalizados. O Homem por mais forte, equilibrado, em algum momento de sua vida, sente amor, desejo, vontade de ter um companheiro (a), e que muitas vezes são subjugados em seus sentimentos, fazendo com que o mesmo se feche para o amor, excluindo esse tipo de sentimento e abrindo mão de formar uma família, fugindo totalmente ao que é pré-estabelecido para cada indivíduo na sociedade.

Todo o processo que Maria Moura passa, ou melhor, sofre é uma metamorfose, isso porque até os dezessete anos era vista como uma sinhazinha inocente, depois da morte de sua mãe, seduz o padrasto, e quando ele não se deixa dominar, o mata, no intuito de viver tranqüilamente no seu sítio Limoeiro, porém a partir desse momento começa a sua luta por ser alguém. Impõe-se de uma maneira não convencional a margem da sociedade e se coloca no centro, consegue ser respeitada e constrói sua fortuna, para isso usa as armas que dispõe, o poder de persuasão, sedução, e liderança para montar seu reduto e conquistar seus objetivos.

## REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Maria de Lurdes Dias Leite. **Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos.** Campinas: Pontes, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós- modernidade.** Trad. Mauro Gama. Claúdia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino.** In História das mulheres no Brasil 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 241-277.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance.** Trad. Maria Helena Martins. 2 ed. São Paulo: Globo, 1998.

GENESIS, 3: 3-6. In **Bíblia sagrada.** São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulos, 1996. p. 16.

GOMES, Maria Aparecida Frutuoso. **Expressão corporal também é linguagem.** 2004. 26 f. Ensaio monográfico (graduação em Letras) Departamento de Letras, Universidade do estado de Mato Grosso, Pontes e Lacerda.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura.** 9 ed. São Paulo: Siciliano, 1998.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **A estrutura do romance.** Coimbra: Almeidina, 1974.

TAMARU, Ângela Harumi. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz.** Campinas, São Paulo: 2004. http://buscador.terra.com.br/. "Disponível em: http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000317235." "Acesso em: 18 de outubro de 2005".

VIANA, Fernando. **Manual didático de pesquisa.** 2 ed. São Paulo: Didática paulista. 1997.

VILALVA, VALNICE. **Donzela - guerreira no romance brasileiro.** 2004. 73 F. Tese (Doutorado em Literatura) Faculdade de Linguagem Universidade de Campinas, Campinas.

**BIBLIOGRAFIAS:**

ABDALA, Junior Benjamin. **Introdução à análise da narrativa.** São Paulo: Scipione; 1995.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** Estudos de teoria e história. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____ et al. **Personagem de ficção.** 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Siciliano, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio:** 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.

SANTIAGO, Silviano. **O narrador pós-moderno** in: **Nas malhas da letra: ensaios.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do romance.** São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Tereza de Pazos/LIMA, José Leonildo (org). **Roteiro para a elaboração de trabalhos acadêmicos e monografia.** Cáceres: Unemat, 2005.